

HISTÓRIA DA BELEZA

Durante o século XVII, coexistiram os discursos que acreditavam na existência de uma beleza ideal e na valorização de uma beleza natural. Mas a ação sobre a beleza poderia então, mais do que antes, ser artificializada e assim as mulheres continuariam fazendo uso de espartilhos, de elixires, águas misturadas, perfumes e fogo de alambique, práticas de sangrias e clister para provocar depuração das impurezas do corpo. Através dessas práticas, acreditava-se que estariam conservando os humores, produzindo o rejuvenescimento da tez e conservando a beleza do rosto (Vigarello, 2006).

Conforme mostra Vigarello (2006), muitas foram as práticas utilizadas pelas mulheres antigas em busca de corrigir os defeitos e adquirir beleza. Cabe registrar que as formas utilizadas por estas para tornarem-se belas sofriam críticas da sociedade moralista, a qual defendia uma beleza natural e considerava que, ao apertar o corpo com o espartilho ou fazer uso de maquiagem para disfarçar os defeitos do rosto, estariam enganando os homens em relação à sua “verdadeira beleza”. Em muitos casos, a artificialidade poderia vir a ser aceita quando a mulher utilizasse artifícios para conseguir um casamento.

Segundo Lipovetsky (2000), foi a partir do século XX que os produtos e as práticas de embelezamento deixaram de ser um privilégio de classes. Se há sentido em falar de uma beleza democrática, é antes de tudo pela difusão dos cuidados estéticos em todas as camadas sociais. As práticas de embelezamento deixaram de ser práticas de luxo e encontram-se ao alcance de praticamente todas as mulheres, uma vez que os produtos de beleza são cada vez mais variados.

No final do século XX, a ciência e a tecnologia caminhavam juntas, investindo nos estudos e na descoberta de novos cosméticos e tratamentos estéticos relacionados à busca da beleza e da juventude.

Nesse sentido, encontram-se à venda muitos produtos e fórmulas que prometem milagres quando se trata de atenuar as rugas, marcas de expressão e qualquer sinal que lembre o envelhecimento. Praticamente, a cada ano, um “novo elixir da juventude” é colocado no mercado prometendo milagres. A luta contra o envelhecimento pelo recuo dos limites da terceira idade confere, em compensação, o máximo de terreno às operações que têm por objetivo eliminar, atenuar ou retardar as rugas, manchas e outros sinais de decrepitude (Ory, 2008).

Ao se tentar garantir um corpo perfeito e jovem, a morte parece distante ou algo que deve ser esquecido; cultuar o corpo implica reconstituir o direito à vida. Desta forma, as pessoas que cultuam o corpo tentam, paulatinamente, prolongar a linha do tempo na intenção de apagar a ideia da morte assim como da velhice. Daí as mensagens publicitárias voltadas para a vida ativa, as caminhadas, ginásticas, dietas, cirurgias plásticas, drogas, uso de produtos cosméticos, enfim, tudo que possa estar voltado para apagar os sinais do tempo e do envelhecimento (Garcia, 2005).

Especificamente em relação a normas de beleza, Costa (2004) demonstra como a imagem corporal substituiu os sentimentos, na passagem de uma moral dos sentimentos para uma moral de sensações. O sofrimento psíquico não decorre tanto mais das fraquezas de espírito ou de caráter quanto dos defeitos da aparência corporal.

Como diz Mary Del Priore (2000), a feiura e a velhice passaram a ser vividas como um drama. Daí a multiplicação de fábricas de beleza e juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Vigarello, G. (2006). História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Lipovetsky, G. (2000). A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole.
- Ory, P. (2008). O corpo ordinário. In Jean, J. Corurtine. História do corpo: As mutações do olhar. O século XX. Rio de Janeiro: Vozes.
- Garcia, W. (2005). Corpo, mídia e representação - estudos contemporâneos. São Paulo: Thomson.
- Del Priore, M. (2000). Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. Senac, São Paulo, SP, Brasil.
- Costa, J. F. (2004). O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamnd.